

ARTE, DISCRIMINAÇÃO E NEGRITUDE

ART, DISCRIMINATION AND BLACKNESS

Anderson Fonseca 1

Resumo: O preconceito racial é indissociável do processo de escravização. Instaure-se e se institucionaliza com a ideia da supremacia de uma raça sobre a outra e uma superioridade que se queria demonstrada em todos os aspectos: genético, econômico, social e cultural. Sua existência, portanto, era legitimada por uma crença “cientificamente comprovada”. Tal ideia de superioridade, obviamente, existia também com relação à arte. No caso do Brasil, tratando especificamente da escravidão de negros, a arte e a cultura de origem africana, trazida para o Brasil por esses povos, era considerada simples, primitiva, de qualidade inferior se comparada à arte erudita, produzida pela e sobre a classe dominante. O artista negro e sua arte foram, a partir dessa ideia, excluídos dos espaços elitistas destinados à exibição das obras artísticas e relegados ao anonimato ou ao menosprezo quanto à qualidade estética de suas obras. Este trabalho pretende demonstrar, a partir de uma pesquisa bibliográfica nos meios digitais, em páginas de instituições culturais, que artistas negros que produzem arte com temática associada à raça e cor negras, ocupam um espaço pequeno tanto nos eventos quanto nos espaços culturais mais elitizados. E que tal alijamento pode estar associado ao preconceito que, historicamente, subjugou a arte negra como de categoria inferior.

Palavras-chave: Artistas Negros. Arte. Preconceito. Exclusão.

Abstract: Racial prejudice is inseparable from the enslavement process. The idea of the supremacy of one race over the other is established and institutionalized and a superiority that was wanted to be demonstrated in all aspects: genetic, economic, social and cultural. Its existence, therefore, was legitimized by a “scientifically proven” belief. Such an idea of superiority obviously also existed with regard to art. In the case of Brazil, specifically dealing with black slavery, art and culture of African origin, brought to Brazil by these peoples, was considered simple, primitive, of inferior quality when compared to the erudite art, produced by and about the dominant class. The black artist and his art were, based on this idea, excluded from elitist spaces intended for the exhibition of artistic works and relegated to anonymity or disregard for the aesthetic quality of his works. This work aims to demonstrate, based on bibliographical research in digital media, on pages of cultural institutions, that black artists who produce art with themes associated with black race and color, occupy a small space both in events and in the most elite cultural spaces. And that such dismissal may be associated with the prejudice that, historically, subjugated black art as an inferior category.

Keywords: Black Artists. Art. Prejudice. Exclusion.

Introdução

O preconceito racial e a história do Brasil se misturam de forma inseparável ao longo de mais de meio milênio. As viagens ultramarinas empreendidas pelos países europeus, como Portugal e Espanha, tinham objetivos claros como a expansão da fé católica, a expansão territorial da Coroa Portuguesa e, conseqüentemente, novos territórios para exploração comercial. Como não existiam ainda recursos industriais para nenhum tipo de atividade econômica, a mão de obra escrava era a forma mais comum para uma produção em maior escala. No Brasil, isso se deu com a escravização dos indígenas, mas, de forma mais consistente e duradoura, com os negros africanos. Todavia, as questões que envolvem o processo de escravização e seus horrores já estão fartamente historicizadas nos livros de história e não contemplam os aspectos que se pretende discutir neste artigo.

As pessoas, traficadas do continente africano, trouxeram não apenas sua força braçal, mas, sobretudo, sua cultura, seus costumes, sua arte. Era normal que muito desse conhecimento fosse absorvido e incorporado à cultura brasileira, que já possuía os saberes dos povos originários da terra e recebiam, também, costumes culturais do europeu. O foco deste trabalho é discutir sobre alguns aspectos da arte afro-brasileira (produzida por artistas afrodescendentes) que, num ato de menosprezo, os colonizadores e classes dominantes, convencionaram chamar de arte primitiva e as pessoas que a produzem. Os aspectos em abordagem principal procurarão realçar o fato de que o preconceito sobre essa arte, que se instaurou com o próprio preconceito sobre as pessoas que a produzia, se perpetuou no tempo, junto com o próprio racismo e, até hoje, é mantida à parte, com espaço pequeno de repercussão, salvo quando pessoas negras estão produzindo a “arte do branco”.

Existem muitos pontos sensíveis quando se trata de explorar essa temática, excessivos, inclusive para o espaço de discussão que dispõe um artigo. É importante, entretanto, ressaltar que a dificuldade de aceitação de uma arte produzida no âmbito da negritude, tanto dentro de comunidades originalmente brasileiras como na arte de origem africana trazida para o Brasil decorre menos das qualidades artísticas intrínsecas dessa arte do que do racismo latente nas pessoas que veem inferioridade em tudo que está relacionado ao negro. Se é imperativo vencer a resistência estética, (talvez o aspecto mais fácil da questão), é imperativo, ainda, antes de tudo, avançar na ocupação do espaço político e legal que é negado ao artista negro (no sentido amplo da palavra “política”, incluindo, aí as ações públicas oficiais).

Nesse sentido, propõe-se, este trabalho, a partir de um levantamento nas páginas de várias instituições culturais do Brasil, de como e quanto de espaço foi reservado, em eventos artísticos, para a divulgação de artistas negros e a arte afim que eles produzem. Objetiva-se, com isso, obter um panorama geral a partir do qual se possa perceber que ainda é pequeno o espaço destinado a esses artistas e à arte que produzem, na proporção da dimensão do país, da quantidade de instituições culturais que aqui existem. De alguma forma, demonstrar que a constatação da exclusão pode ainda estar vinculada, atavicamente, a uma “tradição” cultural advinda do Brasil Colônia que subjugou esses artistas e sua arte a uma espécie de subarte, mal disfarçada sob o epíteto de “arte primitiva”.

Metodologia

Este artigo se utilizará, para sua realização, de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentalmente extraída dos meios digitais. Optou-se, entretanto, por acessar páginas institucionais como museus e instituições culturais afins, no intuito de fazer um levantamento dos eventos realizados no ano de 2022 e páginas destinadas à temática acadêmica, como *Google Acadêmico*, *SciELO* etc., para o acesso de textos de suporte teórico.

Fundamentação Teórica

O que se pôde entender, ao longo da história do país, é que o preconceito contra negros se estendeu, automaticamente, para a arte que eles produzem e para a suas próprias pessoas,

como artistas, diminuindo-os, reduzindo-os aos limites estreitos das condutas preconceituosas de que são vítimas. Isso em um país que, pelo seu alto índice de miscigenação racial, se orgulharia de possuir uma suposta democracia racial que justifica, inclusive, alguns discursos justificativos para a intolerância vigente. Sobre essa suposta democracia, Pereira, Torres e Almeida (2003, p. 99) afirmam que

No Brasil, a miscigenação cultural produziu mitos como o da democracia racial, que entende a discriminação mais como o resultado da estratificação social do que das diferenças de cor. Nesse sentido, o negro seria discriminado não por ser negro, mas por ser pobre. Contudo, o mito da democracia racial parece ser uma forma de racionalização das práticas discriminatórias.

O período Colonial demarcou os espaços de brancos e negros de forma definitiva. Se por um lado, a escravidão destinava aos negros os papéis subalternos como o trabalho braçal para os homens e as atividades domésticas (cozinha, lavagem de roupa, babá), para as mulheres, por outro lado, todo processo de demarcação criou, conseqüentemente, a imagem do “outro”. A figura do negro (real e metaforicamente), é a figura do estranho, do diferente, do fora do padrão (o padrão de beleza era estabelecido pela pessoa branca, de cabelos lisos, de olhos, preferencialmente, claros). Quando era representado na arte (produzida por brancos), a figura do negro era mostrada como algo exótico. O corpo negro, não raro, era representado no exercício das funções trabalhistas que lhe cabia (homens nos trabalhos do engenho, no corte da cana, mulheres cuidando de crianças etc.). Como representação estética, o corpo negro era a representação do exótico (algo proveniente de terras distantes, não pertencentes, portanto, à normalidade estética vigente).

Vieira (2020, p. 176), ao tratar da questão representacional do corpo negro, aponta que

Esse corpo precisa adequar-se, submeter-se às regras canônicas da arte ocidental. O “negro” nada é senão uma “ficção branca” a que a arte adere. O “negro”, ao ingressar representacional e simbolicamente no ocidente como objeto de escambo, rebaixado à condição de mercadoria, precisa forçosamente submeter-se à naturalização discursiva de sua condição “outra”.

Para justificar essa *outridade* abjeta e tudo o que ela implica para o cálculo colonialista, a “figura negra” assume sua bifurcação definidora: a um só tempo desenha-se iconográfica e discursiva. Figura pictórica e figura de linguagem a servir à razão colonialista. O “negro” inexistente, pois, exceto como o objeto figural de uma fantasia que o investe como elemento a ser usado, explorado, excluído

O papel que o negro ocupou e, certamente, ainda ocupa, histórica e politicamente, ao longo do processo de colonização, perpetua a imagem do diferente (num sentido depreciativo), fazendo com que seja “normal” sua exclusão. Ao procurar atribuir-lhe uma “coloração” familiar à estética branca (no plano da arte), relega-o à condição de objeto quando deveria ser sujeito de sua própria história. Como ensina Vieira (2020, p. 176),

No intuito de que a escravidão colonial pudesse ser aceita, erige-se toda uma razão figurativa em que a negritude se apresenta como um elemento colorizado que serve como traço de uma distinção capaz de sentenciar e condenar o corpo *racializado*, que não é outro senão o corpo negro, à sua condição proscria e destituída de vocalização como sujeito da linguagem.

Tratou-se, introdutoriamente, dessa noção de “outro” que o negro experienciou ao longo da história no Brasil, para argumentar quanto à situação da arte produzida por artistas negros. Compartimentar uma “arte negra” implica em uma discussão mais profunda e extensa, porquanto entre aí outra questão que a estética discute. Considerando a estética como um elemento mais universal, talvez seja mais adequado e menos polêmico se falar em arte produzida por artistas negros, embora argumentações acerca de uma “arte negra” não possa nem deva ser deslegitimada.

As circunstâncias e experiências de vida que envolvem o dia a dia de um artista negro, como *bullying* sofrido, principalmente quando criança ou adolescente na escola, as dificuldades de disputa por oportunidades, exclusão de acesso a determinados espaços etc., bem como abordagens de resgate por identidades raciais e culturais, como ancestralidade, certamente são aspectos que esses artistas buscam enfatizar em seus trabalhos. Sentimentos de exclusão e não-pertencimento são comuns em representações artísticas. Santos (2021, p. 12) explica, em seu livro-memória, esse sentimento:

Então, quando comecei a crescer, foi ficando mais difícil. Minha imaginação fértil e ingênua foi dando espaço para pensamentos não tão positivos, com 12-13 anos comecei retratos imaginários de garotas com semblantes tristes. Me sentia abandonada e isolada. Aprendi a abraçar a invisibilidade, principalmente por causa da escola e porque passava muito tempo sozinha em casa.

Outros artistas convivem, frequentemente, com a validade de suas obras, questionadas quanto à suas qualidades estéticas. Essa é uma questão que se origina ainda no período colonial, de que a arte afro-brasileira era simples, “primitiva”. Na literatura, a partir do momento histórico em que ela se estabelece mais amplamente, no século XIX, era comum os escritores apoiarem-se em uma espécie de embranquecimento da sua temática e da sua estilística, além de reduzirem seus personagens, quando negros, a meros estereótipos. Além do falseamento da própria imagem e suas representações, a estereotipização deixa de apresentar a cultura afro que o negro representa.

Nascimento (2016, p. 123) aponta essa questão, quando diz que:

Da exposição que estamos fazendo, podemos resumir uma definição simples e irrefutável: sem exceção, tudo o que sobrevive ou persiste da cultura africana e do africano como pessoa, no Brasil, é a despeito da cultura ocidental europeia dominante, do “branco” brasileiro, e da sociedade que, há quatro séculos, reina no país. Os africanos e seus descendentes, os verdadeiros edificadores da estrutura econômica nacional, são uns verdadeiros coagidos, forçados a alienar a própria identidade pela pressão social, se transformando, cultural e fisicamente, em brancos.

O professor aponta, ainda, que a questão se torna ainda mais grave quando se vê que essa postura do “branqueamento” era uma imposição social e cultural do Brasil colonial que os próprios autores, por uma razão ou por outra aceitaram (a se entender, portanto, que a classe de escritores pertencia à elite econômica e social da época pelo fato de que o acesso ao estudo era muito dispendioso e difícil).

São bons exemplo desse rendimento, os escritores Machado de Assis (1839-1908) e Cruz e Souza (1861-1898) que, a exemplo de outros, ansiavam pela aceitação e o reconhecimento da sociedade vigente, ambicionando atingir os níveis mais elevados da hierarquia social, além de candidatos ao mundo literário. É nesse contexto que a escritura de Machado de Assis adere ao português acadêmico, mais refinado possível, distante da fala do povo comum que era a imensa maioria da população da sua época. E que fez Cruz e Souza, por exemplo, a despeito de expressar-se nos moldes estéticos do Simbolismo, também submeter-se à assimilação cultural, referindo-se reiteradamente, em sua poesia, ao branco, ao claro, emparedado pela estética da brancura (Nascimento, 2016).

Outro tipo de arte que tem sua qualidade estética questionada na condição de “arte”

quando se presta a representar a negritude ou uma “arte periférica” é a música. Aliás, a música é uma modalidade de arte muito sujeita a compartimentalização originada em puros preconceitos. Foi assim que a música sertaneja “de raiz” se viu aprisionada em uma redução temática, estilística e cultuada por um público com alguma identificação com o gênero. O samba, até receber o selo de qualidade e de produto de exportação brasileiro, ficou por muito tempo associado aos moradores do morro e representante de uma população pouco afeita ao trabalho. Em ambos os casos, a discriminação ao gênero musical é claramente preconceituosa e se baseia na “superioridade” atribuída a determinados tipos de cultura, quase sempre representantes da classe dominante e enaltecida do seu modo de vida.

O funk, como uma modalidade cuja origem e disseminação se deu nas periferias, já foi designada como “cultura do lixo” em uma óbvia oposição a uma “cultura erudita” (Mizrahi, 2020). Por muito tempo o seu espaço de difusão era restrito às áreas geográficas onde eram produzidas (nas periferias, entre uma população de condição socioeconômica baixa). A sua popularização e, conseqüentemente, consumo em massa e grande retorno financeiro, fez com que o funk despertasse o interesse de grandes gravadoras e estúdios sendo oferecida aos artistas sofisticadas estruturas de mídia e espaços privilegiados de apresentações que possibilitasse o alcance de grande público. Os artistas desse nicho musical, de origem “suburbana”, quase sempre de origem modesta e, na sua maioria, negros, ainda são poucos e alçados ao estrelado só depois de terem cultivado um numeroso público cativo (caso de Anita, Ludmilla, pra ficar em dois exemplos bem ilustrativos). Se, por um lado, as artistas citadas garantem sempre grandes públicos, por outro, o tipo de música que produzem continua sendo rotulada e afastada do *status* de “arte”. Isso, quando não é objeto de iniciativas que visam criminalizá-la. Mizrahi (2020, p. 49) lembra, em seu trabalho, que “em inícios de 2017, foi lançado no portal E-cidadania, do Senado Federal, a “ideia legislativa” denominada “Criminalização do funk como crime de saúde pública a criança aos adolescentes e a família”, de autoria do *web designer* paulista Marcelo Alonso” (Mizrahi, 2020, p. 45). Embora não tenha alcançado êxito, no sentido de sua conversão em lei, a iniciativa foi objeto de duas audiências públicas, uma na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro e outra no Senado. Em ambas as oportunidades, a iniciativa teve como acusadores figuras públicas da política que, pouco tempo depois, estariam alinhadas com posições político-ideológicas extremistas (Mizrahi, 2020).

A autora, que interroga já no título de seu trabalho se funk é cultura, questiona a compartimentalização da arte em “castas” exatamente porque tais distinções, quando têm em questão o objeto estético, não dispõem de um referencial objetivo para alocar tais distinções. Diz Mizrahi (2020, p. 45) que:

Por muito tempo uma elite cultural e econômico-social, representada pela intelectualidade acadêmica e pela classe dominante, insistiu em criar uma distinção entre uma suposta cultura erudita e a cultura popular, dando para a primeira o sentido primordial da “cultura” e à segunda, uma posição de menor prestígio, mais associada ao entretenimento descomprometido, que não representava o sentido legítimo do objeto cultural. A produção artística desenvolvida pelas comunidades periféricas e, por extensão, aos negros, está associada a essa segunda categoria e, com ela, seus representantes.

Seria pertinente entender que essa redução a uma categoria artística inferior deriva de uma atitude preconceituosa muito mais do que uma produção esteticamente inferior. E uma das premissas que se quer abordar neste artigo é o número reduzido de artistas negros ocupando espaços elitistas para a divulgação de sua arte, onde, tradicionalmente, são ocupados ou por artistas brancos ou, de alguma forma, por artistas cuja obra se amolda com a estética cultural defendida pela elite.

Até por uma questão da natureza de um artigo e o espaço discursivo que ele explora, não se efetuou, por óbvio, uma pesquisa extensa e abrangente. Restrita a uma sondagem em páginas de internet em museus ou centros culturais, aponta-se, aqui, um recorte ilustrativo da incidência pequena de artistas negros e sua arte nos espaços mais elitizados como, por exemplo, os museus

de arte moderna.

É certo que alguns artistas negros, no Brasil, conseguiram, à custa de muito talento e persistência, ocuparem um lugar de destaque no cenário cultural. É o caso, na música, dos consagrados Milton Nascimento, Gilberto Gil, Djavan, Carlinhos Brown e, mais recentemente, Seu Jorge. Nas artes audiovisuais, exemplos como Zezé Mota, Lázaro Ramos, Taís Araújo, Camila Pitanga, entre outros. Nas artes plásticas, Artur Timóteo da Costa, Emanuel Araújo, Abdias do Nascimento.

Como já se mencionou a respeito da música, como manifestação artística, é um segmento em que, de certo modo, ainda é possível encontrar algumas portas abertas para um artista negro por se tratar de um tipo de arte que atinge as massas. Nesse sentido, grandes espetáculos musicais destinados a um público gigantesco, tanto presencialmente como por meio das mídias audiovisuais, costumam abrir espaço para a diversidade cultural, muito por pressão midiática, principalmente das redes sociais. Por essa razão, artistas negros, LGBTQIA+, ocupam palcos privilegiados nesses eventos.

Os serviços de *streaming* (como Netflix, Amazon, Disney, Hbo etc.), por estarem pressionados, em termos de audiência, com as televisões abertas, costumam oferecer alternativas em filmes e séries com protagonismo para a diversidade de gênero. Mesmo tv's abertas, ainda que em menor proporção, iniciam um processo de abertura para um número maior de protagonistas negros e LGBTQIA+. Mas não se pode esquecer que esses veículos passam por sérias crises econômicas em razão da dispersão do público para outras alternativas de mídias, de forma que a valorização da diversidade tem muito mais um caráter de foco na audiência, é econômico, portanto, que uma repentina valorização do artista propriamente.

Mas a programação audiovisual de grandes veículos de comunicação em massa apresenta algum alento no sentido de uma maior inclusão. Nas artes plásticas, a presença negra, como representante e como representado, continua muito pequena e demonstra como o preconceito racial historicamente instituído ainda atua fortemente no sentido da marginalização desses artistas (marginalização, aqui, no sentido de ser deixado à margem, ser excluído). Nesse segmento artístico, inclusive, é difícil sobressair um grande nome de um artista negro capaz de penetrar o conhecimento e a admiração da grande massa, como o fazem, por exemplo, o futebol, a música e a arte cênica. Pode se pensar no fato de se tratar, nesse caso, de um tipo de arte pertencente ao nicho da erudição, uma "arte superior" consumida por um público mais "qualificado" culturalmente (o destaque é para ressaltar a relatividade desses conceitos). Se assim é, a arte produzida por artistas negros certamente terá muito menos poder de penetração nesse segmento.

Um levantamento, feito exclusivamente pela internet, nas páginas oficiais de museus e centros culturais do Brasil quanto a exposições, catálogos do acervo permanente, indica a pequena incidência da temática negra na arte ou de artistas que a representam, reforçando a ideia de que há uma discriminação, de fato, quando se trata dessa questão.

Talvez seja importante fazer algumas notações quando se trabalha com buscas em páginas de internet de museus ou instituições culturais afins. Primeiro, é que existe um número significativamente grande de instituições dessa natureza no Brasil e muitas delas com uma linha temática, objetivos, muito específicos. Nesse sentido, instituições como o Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS, de Porto Alegre, que propõe atividades mostrando áreas de experimentações sobre o Universo, a Terra, Meio ambiente, o Homem etc. O Museu da Inconfidência, em Ouro Preto-MG, com seus objetivos focados naquele evento e período histórico. O Museu Paraense Emílio Goeldi, cujas atividades se concentram no estudo científico dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia. Ou o caso, ainda, das fundações, criadas com objetivos específicos, como a Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre - RS, destinada à preservação da obra daquele pintor gaúcho ou a Fundação Cultural Exército Brasileiro, que tem o objetivo de preservar o patrimônio histórico e cultural daquela instituição. Em tais entidades, por certo, em razão da sua natureza, será mais difícil encontrar eventos ou espaços destinados à arte produzida por negros (como a arte africana ou afro-brasileira, por exemplo).

Por outro lado, existem Museus como o Museu da Abolição, em Recife-PE, que, por sua natureza, tem a missão de "preservar, pesquisar, divulgar, valorizar e difundir a memória, os valores históricos, artísticos e culturais, o patrimônio material e imaterial dos afrodescendentes, por meio

de estímulo à reflexão e ao pensamento crítico, sobretudo, quanto ao tema abolição¹ ou, ainda, da Fundação Palmares, entidade com sede em Brasília, ligada ao Governo Federal, cuja área de atuação visa a condição cultural e legal da população afrodescendente no Brasil. Nesses locais, obviamente, a prioridade é a arte afro-brasileira.

O que se quer demonstrar é que uma busca no espaço virtual sobre atividades artísticas e culturais sobre a arte produzidas por negros no Brasil deve levar em conta a natureza das entidades, de forma a não ser induzido a impressões de ordem quantitativa. Fez-se a opção, portanto, em localizar a incidência de eventos sobre esse tipo de arte nos Museus de Arte Moderna ou entidades ligadas às instituições de Ensino Superior, sejam públicas ou privadas. Entende-se que essas instituições, em maior consonância com a realidade histórica, social e cultural da contemporaneidade, possam estar mais atentas com as necessidades prementes de contemplar a diversidade cultural. Utilizou-se para isso, como referência, os eventos realizados no ano de 2022.

A página na internet **NegrArte**, é uma página dedicada à arte produzida por artistas negros, independente do gênero artístico a que se dedica. Apresentando-se como Festival NegrArte, ou simplesmente NegrArte, o espaço virtual tem como objetivo “fomentar a importância e as influências de artistas negros, negras e negres na construção da biografia das artes visuais brasileiras, da tela à escultura, da fotografia ao grafite e da literatura ao design”. Além de “amplificar a visão sobre as múltiplas condições desses artistas na arte nacional e apresentar a pluralidade desse universo estético por ele gerado”. Ou seja, não é um espaço para a exposição virtual de obras artísticas, mas um instrumento a mais para a promoção e divulgação dos artistas negros. O festival foi inaugurado no ano passado, no mês de maio (primeiro dia em 13 de maio) e iniciou com uma roda de conversa sobre o corpo negro na obra de Sidney Amaral e se estendeu durante todo o mês com outras rodas tematizando a literatura negra, a arte negra: gênero e identidade, o negro design, a fotografia negra etc.².

Em maio de 2022, o Instituto Inhotim, em Brumadinho-MG, apresentou o Segundo Ato do Museu de Arte Negra, um evento que homenageou o artista e professor Abdias do Nascimento e o seu Teatro Experimental do Negro. A exposição foi intitulada “Dramas para negros e prólogos para brancos”. A exposição ficou exposta até fevereiro de 2023³.

Em 07 de maio, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro apresentou a exposição “Coleção MAR + Enciclopédia Negra”. A coleção objetivou tornar públicas as obras realizadas por artistas contemporâneos retratando imagens e histórias de vida de pessoas negras, como uma forma de resgate e reparação histórica pelo apagamento da história de vida de muitos negros que só eram retratados, antes do século XX, de forma anônima e em situações clichês dos trabalhos braçais que realizavam⁴.

Em junho de 2022, a Fundação Cultural da Bahia tornou público o edital para a realização da 64ª edição dos Salões de Artes Visuais. O evento, com a inovação daquela edição, mostra como a arte, no Brasil, institucionalizou a exclusão. O edital trazia a previsão de uma reserva de cota de 37%, dos quais 30% seria destinado para preto (a) e pardo(a); 2% para indígenas e 5% para pessoas com deficiência. Além disso, o edital previa a aplicação do indutor de gênero, uma pontuação adicional para proponentes que se autodeclarassem mulher cisgênero, pessoas transgêneros e travestis (inclusive com a previsão de formação de uma banca de especialistas para avaliar a legitimidade das autodeclarações). Como se trata de uma seleção para eleger um número específicos de obras para serem expostas, só uma condição preocupante de exclusão justificaria os artistas serem selecionados por sua condição de gênero e não pela qualidade de suas obras⁵.

O SESC-PA, escolheu o ano de 2022 para promover uma ampla reflexão em torno da identidade brasileira e as relações entre os diferentes grupos étnicos que constituem o país. Para

1 Como consta da sua página oficial: <https://museudaabolicao.museus.gov.br/museu-da-abolicao/>. Acesso em: 10 maio. 2023.

2 Disponível em: <https://negrarte.com.br/evento-2022/#festival>. Acesso em: 05 maio. 2023.

3 Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/eventos/segundo-ato-dramas-para-negros-e-prologo-para-brancos/>. Acesso em: 06 maio. 2023.

4 Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/programacao/colecao-mar-enciclopedia-negra/> Acesso em: 05 maio. 2023.

5 Disponível em: <http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/2022/06/16182/Saloes-64a-edicao-dos-Saloes-de-Artes-Visuais-tem-cotas-para-negros-indigenas-PCDs-e-indutores-de-genero.html>. Acesso em: 06 maio 2023.

isso, iniciou, em agosto do ano passado o projeto Dos Brasis: arte e pensamento negro. Entre suas ações, há a previsão de uma série de rodas de conversas, palestras e debates com artistas, pesquisadores e educadores negros. O objetivo é reunir o material para publicações em 2023 de materiais educativos e exposição, cuja primeira montagem deve ser no Sesc Belenzinho (SP) e, posteriormente, itinerar por outras unidades do Sesc em todo o Brasil⁶.

O Museu da Cultura e da História Afro-brasileira apresentou duas exposições fotográficas em julho e agosto de 2022, dentro da exposição de longa duração, iniciada em 2021, intitulada “Protagonismos – memória, orgulho e identidade”. Trata-se da exposição Abarcar Origens de Aparecida Silva (28 de julho a 28 de agosto) e a exposição Okutá Ió – Retratos de Ancestralidade, de Rodrigo Moraes (11 a 27 de agosto)⁷.

A prefeitura de Itabira-MG, por meio da Diretoria de Promoção da Igualdade Racial e da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, promoveu, de 22 a 31 de agosto o FANI – Festival de Artes Negras de Itabira, como uma forma de apoio às iniciativas culturais afro-brasileiras. O evento dispôs de diversas atrações como oficinas, gastronomia, palestras, artesanatos, shows musicais etc. As instituições organizadoras, ao definirem o mês de agosto para a realização do festival, justificaram que não é necessário esperar o mês da consciência negra para realizar eventos com essa temática⁸.

Em 20 de agosto, o Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém), apresentou o projeto audiovisual “Anastácias”, filme de Stephanie Fernandes. A obra é um registro de dança inspirado na figura história de Anastácia, mulher negra escravizada. Concomitantemente, foi exibida a obra “Monumento à voz de Anastácia”, um afresco de Yhuri Cruz⁹.

Em novembro, o Museu da Imagem e do Som, de São Paulo, homenageou 81 personalidades negras através de uma megaexposição coletiva de grafite. O número foi escolhido para fazer uma alusão aos 81 anos que o diretor do Museu Afro-Brasil, Emanuel Araújo faria naquele ano. As obras foram realizadas por artistas da periferia de São Paulo e o vento foi inserido na programação da VIRADA da Consciência Negra¹⁰.

Como parte das celebrações do Mês da Consciência Negra, a cidade de Rio Grande-RS, realizou, na Galeria Espaço Incomum (10 de novembro a 08 de dezembro), a exposição “Ocupação Odojá”, uma amostra coletiva de artistas negros nascidos ou residentes naquela cidade¹¹.

Dentro das comemorações do Mês da Consciência Negra, o Museu da Língua Portuguesa (São Paulo), preparou uma programação especial voltada para a contribuição negra na língua portuguesa falada no Brasil (de 5 a 27 de novembro). A programação contou com visitas temáticas, palestras e saraus alusivos ao tema¹².

Em João Pessoa, na Paraíba, foi realizado, de 08 a 25 de novembro, o “Festival Pretitudes”. Em sua segunda edição, o festival é realizado pela Fundação Cultural da Paraíba – Funesc. Trata-se de um evento multicultural, protagonizado por artistas negros, abrangendo atividades como dança, teatro, arte circense, literatura, palestras etc. Realizado em espaços diversos (inclusive com uma apresentação no Cine Teatro São José, em Campina Grande), aconteceram ali, entre muitos eventos, o lançamento do filme “Cabeça de Nêgo” de Déo Cardoso e a exposição “Minha Hora Negra”, de Guto Oca¹³.

6 Disponível em: https://sesc-pa.com.br/materia-Sesc_realiza_Projeto_nacional_Dos_Brasis_arte_e_pensamento_negro_-448. Acesso em: 06 maio 2023.

7 Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/muhcab/acervo-museologico>. Acesso em: 06 maio. 2023.

8 Disponível em: <https://fccda.com.br/novo/noticias/fccda-promove-o-fani-festival-de-artes-negras-de-itabira/>. Acesso em: 06 maio. 2023.

9 Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Noticia/Figura-historica-de-Anastacia-sob-otica-de-artistas-negros-e-tema-de-atividade-no-MUPA>. Acesso em: 06 maio. 2023.

10 Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-11/sp-homenageia-personalidades-negras-em-exposicao-coletiva-de-grafites#:~:text=O%20Museu%20da%20Imagem%20e,expostas%20na%20sede%20do%20museu>. Acesso em: 06 maio. 2023.

11 Disponível em: <https://caid.furg.br/noticias/83-galeria-espaco-incomum-ocupacao-odoya-mostra-de-arte-e-feira-grafica-de-10-11-a-08-12>. Acesso em: 06 maio. 2023.

12 Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/museu-no-mes-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 06 maio. 2023.

13 Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/funesc-realiza-festival-pretitudes-e-promove-programacao-especial-do-novembro-negro/>. Acesso em: 06 maio. 2023.

Em 22 de novembro, o Município de Alagoinha-BA, realizou a 5ª edição do Festival de Artes de Alagoinhas. Com o tema “Alagoinhas Negra”, o festival incluiu na sua programação “exposições, shows, bate-papos, oficina e exibição de filmes, abordando a temática relacionada às masculinidades negras, feminismo negro, afro-negócios, moda e ancestralidade”¹⁴.

Em 08 de dezembro, o Theatro Municipal de São Paulo apresentou a Exposição Presente! Presenças Negras no Theatro Municipal de São Paulo. Tratou-se de uma expografia de Ricardo Muniz Fernandes, denominada Presente! Apresentando fragmentos da presença negra na história do Municipal¹⁵.

Em 19 de novembro, foi inaugurada a exposição “À flor da pele: Arte Negra no Museu”, simultaneamente no Museu de Arte Sacra de Mato Grosso e no Museu de Arte e Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso. A amostra coletiva de artistas consagrados daquele estado ficou exposta até janeiro deste ano¹⁶.

Durante o ano de 2022, o SESC-RS apresentou a exposição “Presença Negra no MARGS – Itinerância SESC-RS” (em março, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Pelotas e, em novembro, na Casa de Cultura de Caxias do Sul).

O texto curatorial informa que “Quando o Programa Público Presença Negra no MARGS teve início, em 2021, o Acervo Artístico do principal museu de arte do Rio Grande do Sul tinha como 22 o número estimado de artistas negros/as, em um universo então de 1.100 artistas que até ali integravam sua coleção. Esse número representa menos de 2% do total do acervo do MARGS. Os dados se mostram mais preocupantes quando descobrimos que, entre esses artistas negros, figura apenas uma mulher. O acervo do Museu possuía até então aproximadamente 5.000 obras, sendo 117 as de autoria desses 22 artistas de diferentes gerações, linguagens e técnicas artísticas”¹⁷.

O estado de São Paulo realiza, anualmente, a VIRADA da Consciência Negra (os shows musicais ficaram conhecidos como “show da virada”). Acontece sempre no fim de semana mais próximo do Dia da Consciência Negra (20 de novembro). Os eventos são coordenados pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa com seus órgãos afins. Em 2022, foram cerca de 350 eventos, 220 atividades nos Museus, Bibliotecas, Teatro, Fábrica de Cultura e instituições da Secretaria de Cultura. Além disso, foi inaugurado o Museu das Favelas, uma instituição estadual localizada no Palácio dos Campos Elíseos¹⁸.

Na mesma linha de eventos apresentados em São Paulo, na VIRADA, o Museu Capixaba do Negro Verônica da Paz (Mucane), em Vitória-ES, realizou a “Semana da Consciência Negra – Resistência, Cultura & Arte”, de 18 a 21 de novembro. Dentro da programação artísticas, de diferentes modalidades, foram apresenta oficinas de música, culinária, contações de histórias, vivências em danças, diálogos, workshops, espetáculos e exposições. Para o público infantil, foi apresentado o espetáculo de dança “O mar que banha a Ilha de Goré”, baseado no livro homônimo de Kiusam de Oliveira¹⁹.

Em 06 de dezembro, no Centro de Cultura Raul de Leoni, Rio de Janeiro, foi realizada a exposição “Afro-futurismo”. Exposição fotográfica feita por um coletivo de artistas negros da cidade. Em celebração ao mês da Consciência Negra²⁰.

Em homenagem ao Dia da Consciência Negra, o Espaço de Artes Ilzé Cordeiro, no Centro Cultural do Ministério Público do Maranhão, realizou no dia 17 de novembro a exposição coletiva Raízes Ancestrais, com a apresentação de telas utilizando a técnica de ilustração digital, além de

14 Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/11/22/festival-de-artes-de-alagoinhas-reune-artistas-negros-exposicoes-shows-e-oficinas-veja-programacao.ghtml>. Acesso em: 05 mai. 2023.

15 Disponível em: <https://theatromunicipal.org.br/pt-br/evento/exposicao-presente-presencas-negras-no-theatro-municipal-de-sao-paulo/>. Acesso em 05 mai. 2023.

16 Disponível em: <https://www.leiagora.com.br/entrete/3549/exposicao-a-flor-da-pele-reune-obras-de-artistas-negros-de-mato-grosso>. Acesso em: 05 mai. 2023.

17 Disponível em: <https://www.margs.rs.gov.br/noticia/exposicao-presenca-negra-no-margs-itinerancia-sesc-rs-chega-a-caxias-do-sul/>. Acesso em: 05 mai. 2023.

18 Disponível em: <https://kondzilla.com/governo-do-estado-de-sao-paulo-inicia-celebracoes-do-mes-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 06 mai. 2023.

19 Disponível em: <https://centrodevitoria.com.br/museu-capixaba-do-negro-semana-da-consciencia-negra-segue-ate-o-proximo-sabado-20/noticias/cultura/>. Acesso em: 06 mai. 2023.

20 Disponível em: <https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/exposicao-afrofuturismo-no-centro-de-cultura-segue-ate-janeiro-de-2023-224982>. Acesso em: 05 mai. 2023.

esculturas em cerâmica e papelão. Em cartaz até o dia 30 do mesmo mês²¹.

Também evocando as comemorações da semana da Consciência Negra, o centro cultural do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS) apresentou a exposição “Radio Negro”, em 23 de novembro, em homenagem a artistas negros com memórias salvas guardadas no MIS. A exposição ficou disponível ao público até 13.01.2023²².

A exposição “Rádio Negro” valoriza os artistas negros com memórias salvas guardadas no MIS, ícones que merecem o conhecimento de novas gerações. Ficará aberta ao público até 13 de janeiro do próximo ano.

O SESC-RJ, em 22 de dezembro, apresenta a “2ª edição da Exposição Passado e Presente na Construção de futuros negros”. Trata-se de uma exposição multilinguagem que tem como objetivo a valorização da ciência e arte brasileira através do protagonismo negro dentro de contextos sociais e acadêmicos²³.

O que se tomou como exemplo de atividades envolvendo artistas negros no ano de 2022, por certo, não tem a intenção de cobrir a totalidade de eventos acontecidos no país, até por que, em pesquisas com utilização de buscadores de internet (como é o caso do Google, utilizado aqui), deve-se considerar que toda busca só pode ser feita mediante a digitação de palavras-chaves. Nem todo evento dessa temática, entretanto, pode apresentar títulos ou referências com as palavras utilizadas (exibição de trabalhos com artistas negros no ano de 2022). O que se buscou foi encontrar uma amostra significativa que apontasse para a escassez de eventos ou espaços privilegiados em que artistas negros tivessem, de forma frequente, suas obras exibidas.

É possível concluir que mesmo museus ou centros culturais importantes só abrem seus espaços para a exibição de trabalhos com essa temática no mês de novembro, como parte da programação referente ao Dia da Consciência Negra, comemorada em 20 de novembro. É como se todas essas instituições estivessem cumprindo um papel protocolar, uma espécie de preenchimento de cota em sua programação. É como se esses artistas só devessem ser lembrados por essa data. Mesmo nas programações do mês de novembro, encontrou-se muitos eventos pontuais, ocupando um fim de semana, em que se debatia acerca de uma obra específica (um filme, um livro, uma figura negra emblemática etc.). Não se percebe, fora do circuito de instituições criadas especificamente para tratar da arte e da cultura afro-brasileira, uma disponibilização permanente de espaços para os artistas negros exporem suas obras ou mesmo como espaço de discussão constantemente destinada à temática.

Não há nenhuma alegação, nenhum parâmetro técnico que se possa aferir uma suposta inferioridade estética nas obras produzidas pelos artistas negros, de onde se infere que essa constrangedora ausência só pode ser explicada pelo preconceito que já se encontra arraigado na sociedade (como público consumidor) e nos críticos. O que foi constatado pelo próprio Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS, onde dos 1.100 artistas do acervo permanente, apenas 22 eram negros e das 5.000 obras, apenas 117 pertenciam a artistas negros, com a agravante de apenas uma, entre os vinte e dois, ser mulher, demonstra com clareza que tal exclusão não pode ser casual.

Muitos eventos têm uma conotação acadêmica (e acontecem, normalmente também no espaço acadêmico), com objetivo de promover discussões e conscientização acerca da figura do negro, social, histórico e culturalmente representado, o que demonstra que há um longo caminho ainda a ser percorrido pelo reconhecimento e valorização da arte produzida por artistas negros.

No mais, resta ao artista negro o patrocínio de seu próprio espaço, como é o caso de Josafá Neves, que expõe seu portfólio individual de pinturas em sua página pessoal na internet (josafaneves.com.br). Isso para uma obra já consagra, que já foi exposta, fisicamente em vários espaços culturais, no Brasil e no exterior ao longo de sua carreira.

21 Disponível em: <https://www.mpma.mp.br/sao-luis-exposicao-alusiva-ao-dia-da-consciencia-negra-e-aberta-no-centro-cultural/>. Acesso em: 05 mai. 2023.

22 Disponível em: <https://www.webradio.mis.rj.gov.br/news-284-exposicao-radio-negro-inaugurada-no-mis-praca-xv>. Acesso em: 05 mai. 2023.

23 Disponível em: <https://portaldaeeducacao.sescrj.org.br/exposicoes/passado-e-presente/>. Acesso em: 05 mai. 2023.

Resultados

Na busca por páginas que anunciasse a realização de eventos arte produzida por artista afrodescendentes, visualizou-se dezenas de endereços, entretanto, muitos repetiam informações acerca dos mesmos eventos. Não se menciona aqui, obviamente, todas essas páginas, selecionando-se aquelas em que as informações se mostravam mais completas e mais claras.

Selecionou-se, ao final, 23 páginas de instituições culturais que anunciavam eventos dessa natureza durante o ano de 2022. Catorze páginas, entre as pesquisadas, anunciavam eventos realizados no mês de novembro, dentro das comemorações do Dia da Consciência Negra. Isso significa dizer que 60,8% dos eventos encontrados foram realizados em razão desse dia. As demais, apresentavam projetos de natureza diversa, como cinema, dança, música etc., dentro da temática da arte produzida por artistas negros, quer seja apresentando projetos novos, quer seja dentro da especialidade da instituição, propiciando a ocupação de espaços para artistas que explorem essa temática.

Considerações Finais

Como já se apontou alhures, este trabalho não tem a pretensão de ser exaustivo, nem apresentar conclusões definitivas, mas levantar uma discussão, com razoáveis elementos indicatórios que apontam para uma realidade que, malgrado alguns esforços pontuais de pessoas e instituições, continuam como uma mácula no espaço cultural brasileiro, que é a discriminação em virtude da raça, da cor da pele das pessoas que afetam amplamente vários espectros da vida sociocultural do país. A validade deste trabalho, portanto, situa-se, nessa seara, de levantar um véu de acobertamento que mantém a restrição de espaço para uma arte antirracista se manifestar com a amplitude necessária, tanto pela justiça das iniciativas, quanto pela necessidade insofismável que essas medidas se impõe no Brasil. Os trabalhos acadêmicos também ocupam essa missão de descortinar possibilidades.

Não deixa de ser sintomático e até decepcionante que o mês de novembro, em virtude do Dia da Consciência Negra, concentre tão amplamente os eventos artísticos à disposição de artistas afrodescendentes e, no seu bojo, fazer as discussões culturais tão pertinentes à nossa realidade. Tais eventos, associados à data em particular, parecem inseridos em medidas protocolares, que cumprem obrigações de calendários oficiais ou preenchimento de cotas.

Levantamentos como o realizado no Museu de Arte do Rio Grande do Sul mostram como a incidência de artistas negros no acervo permanente das grandes instituições culturais ainda é incipiente e tão pouco representativo. Pesquisas mais acuradas, quiçá com a possibilidade de visitas *in loco* a um grande número de entidades culturais podem desvelar, de forma mais profunda essas discrepâncias e, quem sabe, balizar algumas medidas de ordem cultural que busquem reduzi-las.

Referências

ALMADA, Sandra. **Abdias Nascimento** – Col. Retratos do Brasil Negro (Coord. Vera Lúcia Benedito). São Paulo: Selo Negro, 2009.

ANDRADE, Andrei. **Exposição que inaugura nesta terça feira, em Caxias do Sul, traz obras de 70 artistas negros**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2022/11/exposicao-que-inaugura-nesta-terca-feira-em-caxias-do-sul-traz-obras-de-70-artistas-negros-cla769rpj00210170qwzy7dyh.html> Acesso em: 02 mar. 2023.

CARVALHO, Daniela Melo da Silva; FRANÇA, Dalila Xavier de. Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa. Fortaleza: **Revista Educação e Formação**, vol. 4, núm. 3, 2019, Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5858/585861585008/585861585008.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

MIZRAHI, Mylene. Funk é cultura?: arte, racismo e nação na criminalização de um ritmo musical. METAXY: **Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos**, v. 3, n. 1, p. 40-59, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>. Acesso em: 02 mar. 2023.

NASCIMENTO, ABDIAS. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 1ª. ed. - São Paulo: Perspectivas, 2016.

PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel Rosas; ALMEIDA, Saulo Teles. Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/B8xn3m8C4y3SfMqSTkw3RPc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 mar. 2023.

PEREIRA, Cícero Roberto; VALA, Jorge. Do preconceito à discriminação justificada. **In-Mind_ Português**, Vol. 1, N.º 2-3, 1-13, 2010.

PINTORES NEGROS. **Contribuição negra à arte brasileira**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/pintores-negros-contribuicao-negra-a-arte-brasileira.htm>. Acesso em: 05 mar. 2023.

SANTANA, Roseli Gomes. **A imagem do negro nas artes visuais no brasil**: virada de paradigma, desafios e conquistas no ensino de história e cultura afro-brasileira. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/sinergia/article/view/305>. Acesso em: 02 mar. 2023.

SANTOS, Victoria Bispo Ribeiro dos. **Preto nobre Ensaio sobre arte e negritude**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/217749>. Acesso em: 06 mai. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Rompendo a cumplicidade entre o dispositivo estético e o colonial**: arte afro-brasileira, arte negra afrodescendente. 2022. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/artigo/arte-negra-brasileira/>. Acesso em: 05 mar. 2023.

SILVA, Sirlene Ribeiro Alves. **Heitor dos Prazeres**: Representação Negra nas Artes. Disponível em: http://editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2018/TRABALHO_EV111_MD1_SA8_ID534_30052018130241.pdf. Acesso em: 02 mar. 2023.

SILVA, Dilma de Melo. Identidade afro-brasileira: abordagem do ensino da arte. **Comunicação e Educação**, 10, p. 44 a 49, set./dez. 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36321/39041>. Acesso em: 02 mar. 2023.

VIEIRA, Marco Antônio. Figuração e Negritude: a Arte e o Outro Como Ficção. 2020. **Ouro Preto: Artefilosofia**, v. 15, n. 28, p. 171-185, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/3545/3218>. Acesso em: 02 mar. 2023.

Recebido em 23 de janeiro de 2023.
Aceito em 30 de junho de 2023.